



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8482 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

A ESTRATÉGIA AUTOSCÓPICA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Viviane Rodrigues Alves de Moraes - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

A ESTRATÉGIA AUTOSCÓPICA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Estudos indicam que o futuro professor quando entra em sala de aula já traz consigo crenças e concepções educacionais que podem influenciar seu desenvolvimento profissional (HOFER, 2002). A autora define estas certezas epistemológicas como crenças e concepções específicas que os professores têm sobre a natureza do conhecimento e sua aquisição.

Segundo Kagan (1992), as crenças e concepções educacionais fazem parte de uma cultura latente e são ativadas, principalmente, no estágio, funcionando como filtros de informações durante a construção de conhecimentos e saberes neste período, influenciando no desempenho do papel do estagiário/professor, dando sentido às suas observações e práticas em sala de aula (KAGAN, 1992). Concordando com tais características, Pajares (1992) considera estes constructos como potenciais obstáculos no confronto com novas realidades, limitando significativamente as possibilidades de compreensão e atuação dos futuros professores, com o risco de perpetuação de práticas de ensino menos eficientes ou inadequadas. Este autor coloca que as crenças e concepções também funcionam como barreiras cognitivas, pois os professores só construiriam novos saberes e conhecimentos baseados naquilo que já sabem, e principalmente, naquilo em que acreditam.

Para mudar esse quadro, partindo do pressuposto que as mudanças comportamentais podem levar a mudanças de crenças e concepções, Pajares (1992), aponta que é necessário colocá-las em movimento na prática, de modo a visualizar e confrontar suas inconsistências intencionalmente, renovando-as. Este autor sugere que os programas de formação oportunizem experiências instigantes que promovam esta conscientização na confrontação entre teoria e prática em ambientes reais de trabalho, mobilizando processos cognitivos em vários níveis. Nesse caso, torna-se essencial que o estágio promova momentos nos quais esses processos sejam desencadeados pela observação, problematização, investigação, análise, intervenção e compartilhamento de experiências, durante os quais os futuros professores devem ser estimulados a estruturar, comparar e analisar suas práticas, enfrentando assim os desafios dos contextos práticos por meio de uma reflexão crítica, consciente e sistemática

sobre as mesmas. Assim, a reflexão surge como um eixo estruturador, imprescindível para a efetividade da aprendizagem da docência no espaço do estágio. Nessa linha, pensando nas implicações concretas que o conceito reflexão tem na formação de professores, García (1999) defende que qualquer estratégia que pretenda proporcionar a reflexão consiste em desenvolver nos professores competências metacognitivas que lhes permitam analisar, avaliar e questionar a própria prática, assim como os substratos éticos e de valor a ela subjacentes. Uma destas estratégias é a autoscopia.

A autoscopia é definida como uma técnica de pesquisa e de formação baseada na autoanálise de situações videogravadas por meio da visualização das imagens produzidas em dois momentos, dos sujeitos em ação e as sessões de análise e reflexão posteriores (ROSADO, 1993). Segundo a autora, esta técnica possibilita a construção de uma representação da realidade, com o cenário de atuação situado no tempo, composto por objetos e personagens em interação dinâmica, e com os componentes cognitivos e afetivos que ali se encontram, permitindo assim, uma consciência sobre real. Para a autora, o sujeito que assiste às videogravações não é um telespectador passivo e sim ativo, pois existe uma atividade psicológica que é subjacente ao processo de recepção televisual, durante a qual o sujeito pode ressignificar os elementos apresentados lhes atribuindo sentidos e valores dentro daquele contexto, de acordo com sua história pessoal, experiências e conhecimentos anteriores. Para Rosado (1993), a atividade de observação e autocorreção pode proporcionar um elemento dinâmico na evolução do indivíduo em formação. Assim, por meio da autoscopia e do tipo de reflexão que provoca, o licenciando poderia estabelecer conflitos cognitivos importantes que impactariam sua visão epistemológica, resultando numa possível revisão consciente de suas crenças e concepções educacionais.

Nesta perspectiva, investigamos as implicações da autoscopia, enquanto estratégia utilizada para provocar práticas reflexivas, visando identificar as crenças e concepções educacionais de alguns licenciandos de um curso de Ciências Biológicas durante o estágio.

Nossa proposta metodológica fundamentou-se na abordagem qualitativa, como um estudo de caso na perspectiva interpretativa. Segundo Stake (1995), o estudo de caso pode ser definido como uma análise intensiva e profunda de uma entidade singular, de um fenômeno ou de uma unidade social, nas quais as características de uma parte são determinadas pelo todo ao qual pertence. Assim, o estudo de caso é apropriado quando se procura conhecer na estrutura dos fatos, as perspectivas de significado e sentido dos sujeitos que agem em contextos específicos, para que se possa desenvolver novas teorias sobre as possíveis causas dos padrões identificados por meio dos dados coletados.

Coletamos os dados durante dois meses de atuação dos licenciandos na disciplina Estágio II, com a realização de videogravações de algumas aulas e as respectivas orientações para sua análise autoscópica. Conduzimos a estratégia em duas fases: ativa (realização das videogravações), e pós-ativa (análise das videogravações), com as respectivas reflexões registradas sob forma de narrativas compartilhadas com os pares.

Entre os dezenove licenciandos que cursaram a disciplina escolhemos dois sujeitos (Lú e Lia) devido ao maior número de narrativas e videogravações analisadas no período.

Na análise de sua vídeo-gravação, Lia expressou que,

(...) acredito que ao observar essa aula e avaliá-la de acordo com os critérios estabelecidos foi possível refletir um pouco sobre minha prática. Perceber alguns vícios de linguagem e alguns comportamentos me permitiram identificar quais pontos devem ser melhorados.

Lú comentou em sua narrativa,

(...) ao assistir-se lecionando, você é capaz de verificar diversos erros cometidos, sejam eles vícios de linguagem, uso de gírias, a forma como você se porta na frente da classe (postura). Além disso, também podemos observar se a metodologia usada é adequada para aquele conteúdo, sua didática, se a forma como você explica o conteúdo é clara ou confusa. É uma oportunidade de se ver com o olhar de um aluno (e perceber se está sendo clara e objetiva), e com o olhar docente (e analisar o que precisa ser melhorado, e o que você está fazendo certo e deve manter).

O comentário das licenciandas se alinha com os estudos de Linard (1980), que verificou que esta técnica permite mais rapidamente a consciência das representações psíquicas que o sujeito tem de si mesmo e dos outros. Segundo a autora, a autoscopia permite uma visão menos binária das dicotomias clássicas, e pode proporcionar um enriquecimento à prática, uma vez que permite a (re)construção do indivíduo com toda a sua totalidade subjetiva, racional e social, convidando-o a repensar se os modelos de aquisição de conhecimentos e comportamentos com base cognitiva e consciente. Como no exemplo abaixo.

Ao analisar essa vídeoaula fiquei bastante descontente com a forma em que conduzi a aula e triste com a forma que chamei a atenção dos alunos. Não é o que acredito com relação a forma que a aula deve ser conduzida, e por um momento refleti sobre estar distanciando minha prática das minhas crenças. Não consegui chegar a uma conclusão com relação a isso. Acredito que deva estudar mais sobre formas/ práticas de como tornar a aprendizagem significativa para tentar melhorar nesse aspecto (LIA).

Percebemos que Lia utiliza a análise autoscópica como um espelho, revendo as suas ideias, práticas, sentimentos e atitudes de forma crítica e com questionamentos conscientes. Para Pajares (1992), as certezas subjetivas sobre ensinar e aprender, denominadas como crenças e concepções educacionais, têm um poder especial para negar a autoridade dos conhecimentos e saberes na formação inicial, portanto o valor epistemológico da análise autoscópica é visível quando Lia expressa *por um momento refleti sobre estar distanciando minha prática das minhas crenças*, indicando que trouxe ao nível consciente suas crenças, o que de acordo com o autor é fundamental para a desconstrução das mesmas. Nessa linha, Rosado (1983), coloca que a autoscopia pode ter um efeito catalisador e originar novas indagações e questionamentos, tendo em vista a reconstrução da sua ação profissional, o que corrobora nossos dados.

Outro aspecto apontado por Rosado (1983), é que a atividade de observação e autocorreção pode proporcionar um elemento dinâmico na evolução do indivíduo em formação. Não somente para ajudá-lo a corrigir seus desvios em relação aos eventuais modelos, mas, também, permite que se compare a outros dentro destes modelos e aprenda a se analisar e a se modificar diante de uma situação, aproximando teoria e prática pelo movimento e avaliação constante entre as duas. Como expressam Lú e Lia em suas reflexões sobre sua videogravação.

O mais imprevisto foi perceber que acreditava estar contextualizando a

aula através de perguntas de sondagem e problematizadoras. Entretanto, ao assistir o vídeo percebi que a maior parte dos questionamentos daquela aula foram questionamentos de conceito. Além de imprevisto, foi também frustrante (LIA).

Acho que minhas metodologias deixaram a desejar, poderia ter sido mais criativa, e menos tradicional. Acho que a forma como eu explico também pode ser melhorada, pois em diversos momentos eu acabava me perdendo, ou falava de forma confusa para os alunos. (...) mas quando eu notava que eles estavam confusos eu tentava esclarecer da melhor forma possível (LÚ).

Ao observarmos as reflexões, análises e discussões suscitadas pela autoscopia, concordamos com Linard (1980), de que esta pode ser efetiva, pois a observação em vídeo dos elementos de ensino dos pares e de si mesmo pode fazer com que os futuros professores reflitam acerca da complexidade de seu desenvolvimento profissional.

Embora, o espaço do estágio seja de curta duração, observamos reflexões importantes com o potencial para desconstrução de crenças e concepções a respeito dos papéis e processos que envolvem a prática docente. Portanto, repensar modelos de formação que levem os licenciandos a refletir com mais profundidade sobre a complexidade de “ser” professor, pode ser um caminho para uma formação inicial e continuada que consiga responder às demandas sociais, políticas, culturais, éticas e humanas envolvidas no ato didático/pedagógico.

Palavras chave: Autoscopia, formação docente, estágio supervisionado, professor reflexivo.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Carlos M. **Formação de professores** - para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GARCIA, J. Eduardo; PORLÁN, Rafael. Ensino de Ciências e prática docente: uma teoria do conhecimento Profissional. **Caderno pedagógico**, UNIVATES . N°. 3. p. 7-42. 2000.

HOFER, Bárbara. K. Epistemological worldviews of teachers: from beliefs to practice. **Issues in Education**, 8(2), 167-174. 2002.

KAGAN, Dona. M. Professional growth among preservice and beginning teachers. **Review of Educational Research**, 62(2), 129-169, 1992.

LINARD, Monique. Autoscopie par video: l’image de soi au travail. **Éducation Permanente**, n. 52, p. 7-24, 1980.

PAJARES, M. Frank. Teachers’ beliefs and educational research: Cleaning up a messy construct. **Review of Educational Research**, 62(3), 307-332, 1992.

ROSADO, Eliana M. S. O alcance do vídeo na sala de aulas. In: ROSADO, E.; ROMANO,

M. C. J. de S. (Org.). **O vídeo no campo da educação**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1993. p. 8-56.

STAKE, Robert. E. **The Art of Case Study Research**. Thousand Oaks. 175p., 1995.